



O TEATRO DAS COMEMORAÇÕES

Jorge Fernandes da Silveira

NOTA

Este texto, a que não ousaria chamar, mesmo que impropriamente e citando Maria Velho da Costa, “projecto de estrutura dramaturgica,” é uma montagem a partir de (1) trechos de reportagens publicadas no *Público*, jornal de Lisboa, sobre o início as comemorações, em Portugal, dos 500 anos da Descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral, (2) de estrofes – 10 quintilhas – do poema “Comemorações,” do livro *Barcas Novas* da poetisa portuguesa Fiamma Hasse Pais Brandão e (3) de comentários do autor deste não “projecto.” Os textos do *Público* – quatro reportagens, creditadas no fim do meu texto, e assinadas por Paula Torres de Carvalho, João Paulo Narciso, Eunice Lourenço, Vanessa Rato e Nysse Arruda – apresentam a fonte de informação primária, o relato dos acontecimentos. Os versos, memória intemporal poético-reflexiva, publicados em 1967, desempenham o papel de interpretar as informações do jornal. Por sua vez, os comentários de Jorge Fernandes da Silveira pretendem ser a visão crítica desses textos sobre “comemorações.”

A colagem que se segue teve a sua origem no título do próprio veículo a que se destina: *Convergência Lusíada*. Este, digamos, “encontro dramático” ainda mais se animou pelo tema do número comemorativo da revista do Real Gabinete Português de Leitura: *Brasil e Portugal: 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*.

PRÓLOGO

[O comentarista está só no seu escritório. Sentado, de frente para o computador, tem junto de si as reportagens do *Público*, obtidas por meio

da *internet* (www.publico.pt/), a poesia completa de Fiamma Hasse Pais Brandão, a primeira reunião, a de 1974, *O Texto de João Zorro*, e o volume, de 1967, *Barcas Novas*, em que o poema “Comemorações” fora originalmente publicado. Consulta, como se fosse um manual de teatro, a peça *Madame*, de Maria Velho da Costa, recém-publicada em Lisboa, com estréia marcada para hoje, 23 de março, no Porto. Há uma declaração que precisa ser feita a respeito do poema “Comemorações.” Como que descuidado, começa a montagem do texto com textos.]

CENA I

Jornalista do *Público* – Paula Torres de Carvalho – e um seu personagem:
José Augusto Rodrigues
Poetisa
Comentarista

[Santarém. 3 de março de 2000. Às vésperas da inauguração da Casa do Brasil. Início das comemorações dos 500 anos.]

Jornalista: *A inauguração da Casa do Brasil, em Santarém, onde Pedro Álvares Cabral presumivelmente viveu os últimos anos de vida é um dos acontecimentos que assinala as Comemorações da Descoberta do Brasil há 500 anos. Encontrada em ruínas, a casa começará brevemente a funcionar como um moderno centro cultural e para abrigar um consulado do Brasil. As obras não podem parar para que tudo esteja pronto para receber os Presidentes da República português e brasileiro no próximo dia 9 – o mesmo dia em que Pedro Álvares Cabral partiu para o Brasil, em 1500, numa armada de 13 embarcações.*

Poetisa: *Se se comemora
Vêm naus da Índia
Luta-se a cutelo
Com a sua fímbria
Por um halo velho*

Comentarista (sucinto, quer ser claro sem ser didático): O leitor-espectador destes textos facilmente tirará as suas próprias conclusões. Sobretudo se, como eu, acredita na poesia como matéria reflexiva a ser aplicada na informação sobre o mundo em que estamos. Neste e nos outros comentários, vou me deter apenas em breves considerações em torno da matéria jornalística. No âmbito

das comemorações dos 500 anos, o que mais sobressai na notícia de jornal é o tratamento da história como se ela fosse de fato uma seqüência de acontecimentos quotidianos, em que os objetos que são o legado cultural de um povo transformam-se de ruínas em centro de cultura, modernizam-se, com uma urgência talvez comparável à passividade com que se assiste ao declínio de bens coletivos, quando não investidos de um motivo de ordem política maior que os defenda. Um modo de conduzir a história da *res publica* como patrimônio político de poucos e não como memória cultural de todos parece aqui se repetir. A Casa de Cabral, restaurada, transformada, inaugurada, agora Casa do Brasil, portanto, é, com certeza, um bom negócio. O resto é poesia.

Jornalista: A empresa brasileira Odebrecht que detém, em Portugal, a empresa Bento Pedroso Construções Lda, contribuiu com uma quantia de 130 mil contos, na qualidade de mecenas. Com uma área de cerca de 500 metros quadrados, a Casa do Brasil é um espaço labiríntico que se ergue ao longo de dois pisos e meio. Os vários compartimentos da casa apresentam vestígios de diversos estilos.

*Poetisa: Se se comemora
O bojo da ânfora
De qualquer clarão
Jorra o coração
A sua metáfora*

José Augusto Rodrigues (arquiteto responsável pelo projeto): “Desde uma parte de construção árabe, um nível anterior a 1775 – ano em que o terramoto destruiu grande parte de Santarém – e outro posterior, todo o espaço foi recuperado com o objectivo principal de divulgar as culturas portuguesa e brasileira e a temática dos Descobrimentos.”

Jornalista: No piso superior, os galinheiros da antiga casa deram lugar a um auditório que coexiste com corredores e pequenas salas articulados em diferentes níveis estabelecendo ligações interiores que funcionarão como espaços de exposições e de outras manifestações culturais. No local onde estaria, provavelmente, colocado o oratório da casa, foi aberta uma porta que dará lugar a um depósito de livros sobre os descobrimentos, junto da qual se pensa construir uma sala de leitura.

Comentarista: Mais do que intrigante, é dinâmica a idéia de que um centro de divulgação das culturas portuguesa e brasileira venha a habitar um “espaço labiríntico,” devido a uma rede plural de diversas linhas e linhagens, sejam elas de características arquitetônicas ou de contingências

naturais. A meu ver, essa “diversidade” é digna de louvor. O que não deixa no fundo de ser preocupante, apesar ou por causa de um certo “clarão” de comicidade, é saber que o galinheiro cabralino dá lugar a um auditório (imaginemos cabras e galinhas, “no grito,” num desses eventos culturais de peso), é saber que o que era oratório passa a ser sala de leitura (imaginemos um desses recintos monásticos onde o livro é objeto de culto religioso e não de cultura profana).

CENA II

Jornalista do *Público* – João Paulo Narciso – e seus personagens: Joaquina Custódio, Maria do Carmo Rodrigues, Alexandre Silva, Fernando Henrique Cardoso, Jorge Sampaio

Poetisa

Comentarista

[Santarém. 9 de março. Jorge Sampaio e Fernando Henrique Cardoso inauguram a casa do descobridor do Brasil.]

Jornalista: *Santarém antecipou ontem em dez dias o feriado municipal para receber os presidentes do Brasil e de Portugal. A Henrique Cardoso e Sampaio coube inaugurar a recém restaurada Casa de Cabral, transformada em centro cultural da cidade. Houve quem esperasse ver chegar o próprio Pedro Álvares Cabral, quem se mostrasse céptica quanto à presença dos restos mortais de Cabral no templo da Graça e quem achasse curto o tempo de permanência dos dois chefes de Estado em Santarém.*

Joaquina Custódio (69 anos, diz ao *Público* com clareza e voz firme de quem pensa saber para o que vem): “É o Pedro Álvares Cabral que cá vem.”

Maria do Carmo Rodrigues (80 anos, desconfiada): “Acredito e não acredito. Há muita gente que reclama isso.”

Alexandre Silva (53 anos, desapontado): “O que acha do 25 de Abril em Portugal? Era a pergunta que gostaria de fazer ao presidente do Brasil. Vêm aqui beber uma bica e vão-se embora. Mudaram o feriado só para isto?”

Comentarista: Os interesses que movem a história do primeiro capítulo da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, a inauguração da Casa Cabral-Brasil, aos poucos, vão ficando mais claros. Antecipar ou mudar a ordem dos acontecimentos de acordo com a vontade

do dono da festa, mesmo que os motivos para tal se justifiquem por rigorosas exigências protocolares, leva à certeza de que, mais uma vez, transformar a história, ou melhor, fazer da história uma mera encenação repetitiva do passado acaba sempre em grotesca farsa. Farsa em que age um personagem que subverte a cena, ameaça o papel principal. É o povo. Quer pela sabedoria ou credence de natureza sebastianista, quer pela certeza e clareza na voz de “quem pensa saber para o que vem,” ele, o povo, desconcerta os que o querem imobilizado na “neblina” do passado. Para um bom brasileiro da minha idade, o desapontamento de Alexandre Silva é comparável ao do carioca que quisesse interpelar o seu Presidente sobre os dias realmente revolucionários do presente e, sem direito de fala, assistisse à inauguração da bica no morro. É isso aí, Alexandre: mudam os tempos, permanece a vontade. Nem uma bica à portuguesa para o pobre. Como você deve saber, o Sena, aquele poeta português exilado que morreu nos Estados Unidos naturalizado brasileiro, também custou a tomar o seu cafezinho com o Minotauro em Creta. Os convidados oficiais vão-se afastando, unidos na adversidade, em direção ao próximo divertimento. Mas a placa alusiva à efeméride lá há de ficar, esperando a sua réplica ou, quem sabe, uma outra versão do segundo capítulo desta história. Hipóteses.

Poetisa: *Se se comemora*
Gaze da cortina
Fala-se na espera
Ouro de outra era
Manhã com neblina

Jornalista: *Depois de descerrarem uma placa alusiva à inauguração do novo centro cultural da cidade, visitaram ainda a exposição de numismática onde se destaca o “Índio,” uma das moedas mais valiosas do mundo, cunhada em prata em 1499, no reinado de D. Manuel, à guarda do Museu Histórico Nacional do Brasil.*

Poetisa: *Se se comemora*
Aço de armadura
Verdade é que dura
Mais a armadura
Que o corpo debaixo

Jornalista: *Sampaio e Henrique Cardoso assinaram o livro de honra e atravessaram a rua em direção à Igreja da Graça, onde os esperavam cerca de 130 figurantes, dirigidos por quatro encenadores brasileiros que se deslocaram para este*

efeito de S. Vicente, estado de S. Paulo, e que tentaram reproduzir a chegada dos portugueses ao Brasil. No interior do templo foi ainda inaugurada a exposição "Cabral, O Viajante do Rei," coordenada por José Manuel Garcia. Apesar de alguns atropelos típicos destas ocasiões...

Fernando Henrique e Jorge Sampaio (no aperto, visivelmente incomodados, entre populares, jornalistas, seguranças, com gritos, à força e com muitos empurrões à mistura): "Saíam daí... deixem-me respirar... calma, calma..."

Jornalista: Quando todo o protocolo caiu por terra. Henrique Cardoso assumiu parte das culpas.

Fernando Henrique: "Peço desculpas pela desorganização que eu próprio criei ao tentar falar com o povo de Santarém."

Poetisa: Se se comemora

O travo do sarro

Sabe-se do vinho

Que é o caminho

Da mão para o travo

Comentarista: Quando um povo de carácter vicentino pensa que sabe para o que vem, algo mais forte se levanta e o que é sólido desmancha no ar, o que está podre cai por terra. Hipóteses. É notável nas reportagens a habilidade com que os jornalistas dão uma visão do ocorrido, i.e., informam o leitor e, ao mesmo tempo, registram uma certa visão de história a ser honrada nas suas crônicas. No contexto dessas comemorações, em que a política lusitana repete, com pompas de espetáculo, uma das suas teses mais desastrosas, ou seja, a sua assinalada vocação marítima, não seria o caso de perguntar como fica o projeto continental de integração na União Européia, diante dessa encenação da volta à *caravela* e de *caravela* ao velho-novo-terceiro mundo em pleno alvor do século XXI? Considero as hipóteses de resposta mais justa. Desconfio, porém, que têm mais razão do que fazem crer aqueles que reduzem a lusofonia e o multiculturalismo a meros acordos políticos e burocráticos. Tomo o índio como sintoma duma doença, como imagem duma relação perversa com o outro. O valor do índio, como moeda corrente ("uma das mais valiosas do mundo") em toda essa história já por demais antiga de desrespeito à terra, está aqui, literal e metaforicamente, muito bem representado, em dois momentos constrangedores que, em Santarém, dialeticamente se completam. Barrar o

povo no baile, calando-lhe a voz, ou estender-lhe a mão, pedindo-lhe o beijo que se dá ao Senhor morto, representam duas cenas de um mesmo ato de violência: a contínua desterritorialização da cultura indígena, preservada pela política agrária brasileira contrária à divisão social da terra. O protocolo caiu por terra. Falta agora cair na real. Quantos de nós, figurantes nesse enredo, vão escrever esse capítulo?

CENA III

Jornalistas 1 do *Público* – Eunice Lourenço e Vanessa Rato – e seus personagens: Deputados do Bloco de Esquerda, Fernando Henrique Cardoso, Almeida Santos, Membro da Comitativa Brasileira

Jornalista 2 do *Público* – Nysse Arruda

Poetisa

Comentarista

[Torre de Belém. 8 de março. Historicamente antecipada de um dia, largada do Cruzeiro Oceânico Comemorativo da Viagem de Cabral.]

Jornalistas 1: *De manhã foi a partida de uma nau, "Boa Esperança," réplica daquela que Pedro Álvares Cabral comandou na partida para a viagem que o levaria ao Brasil.*

Comentarista (atento às deixas. Ensaizando as réplicas):

Vêm naus da Índia...

Ouro de outra era...

Manhã com neblina...

Jornalista 2: *Como há 500 anos, as margens do rio Tejo voltaram a encher-se de lusitanos a acenarem lenços brancos na partida de uma frota de embarcações à vela rumo ao oceano Atlântico. Desta vez, sob os olhares dos presidentes de Portugal, Jorge Sampaio, e do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, instalados na varanda da Torre de Belém, desfilou uma armada de veleiros portugueses e brasileiros, iniciando um percurso marítimo que os levará ao Brasil para celebrar o V centenário da viagem de Cabral.*

[Assembléia da República Portuguesa. 8 de março. O Presidente da República Brasileira, ex-professor universitário, dá uma lição de economia aos políticos portugueses, no Parlamento.]

Jornalistas 1: *Depois foram os múltiplos encontros com Sampaio e Guterres. A inauguração de um mural, no metropolitano de Lisboa e de uma exposição na Ajuda. Uma lição de economia, no Parlamento, onde ouviu aplausos de todas as bancadas. Mesmo de dois deputados do Bloco de Esquerda, que compareceram com camisolas apoiando uma causa do Movimento dos sem Terra.*

Poetisa: *Quem o comemora
Bem o comemora
Une o pobre ao rico
Une a prata ao visco
Adula a justiça*

Deputados do Bloco de Esquerda: *“Justiça para José Rainha.”*

Jornalistas 1: *Segundo um manifesto ontem distribuído pelo bloco, José Rainha foi condenado pelas mortes de um polícia e de um fazendeiro, mas existem provas, ignoradas pelo juiz, de que estava a dois mil quilómetros de distância do local do crime.*

Poetisa: *Se se comemora
O fio da espora
Não esqueça a costela
Do cavalo nela
Ou seja na espora*

Jornalistas 1: *No arranque final das comemorações dos 500 anos da Descoberta do Brasil, o Presidente Fernando Henrique Cardoso deslocou-se a Portugal para reafirmar a “unidade na diversidade” entre os dois países.*

Fernando Henriques [sic] (largando os óculos e os papéis, deixa de lado o discurso programado sobre os laços entre os povos irmãos, *faz uma intervenção ideológica*): *“A colonização soube transigir e adaptar-se às culturas indígena e africana e isso moldou os povos. Somos mais que nunca híbridos, lusitanamente híbridos. Portugal e Brasil comungam hoje do maior repúdio à intolerância política e ética. O Brasil está atento à democracia em todo o mundo lusófono. É imperativo que a Unita renuncie à luta armada, é imperativo que as regras democráticas se imponham a todos. Já temos condições de dar os primeiros passos para que os valores deixem de ser palavras e passem a ser modos de viver, confiança no futuro partilhado no progresso e na justiça social.”*

Jornalistas 1: *Com um discurso político aplaudido por todas as bancadas, o presidente brasileiro ouviu, certamente, um dos maiores elogios da sua vida da boca do presidente do Parlamento português, que fez um dos seus habituais discursos de forte pendor histórico-poético.*

Almeida Santos (de alma atlântica entornada, “poético”): *“Se o Infante [D. Henrique] esteve na origem do Brasil do passado, Vossa Excelência é o Infante do Brasil do futuro.”*

Poetisa: *Se se comemora
O senhor da fome
Ou lhe chamo pobre
Ou lhe chamo nobre
Ou não lhe dou nome*

[Estação do metro dos Restauradores. 8 de março. *Inauguração dum painel de azulejos. Alheios à passagem do Presidente brasileiro, manifestantes da CGTP descem a Avenida da Liberdade com gritos de igualdade para as mulheres que ecoam pela estação de metro onde decorre a cerimónia, vedada à população.*]

Jornalistas 1: *A visita de Fernando Henrique Cardoso não suscitou grande interesse popular. Minutos antes da hora marcada para a inauguração, à tarde, na estação de metro dos Restauradores, de um painel de azulejos da autoria do artista brasileiro Luiz Ventura, no Marquês de Pombal o trânsito já estava parado.*

Membro da comitiva (alegre, explicando à acompanhante o sentido do painel): *“Está lá tudo o que eles trouxeram para o Brasil, que era uma sociedade sem classes. Religião, astronomia, dor, guerra, usura, cartografia, morte, inveja. É bonito.*

Fernando Henrique (num breve discurso sobre a obra do amigo de infância): *“Luiz Ventura herdou dos antigos muralistas a paixão de deixar para a eternidade os feitos que enformam a tradição brasileira. Não me são estranhas estas formas. Nunca me ensinou a pintar, eu ensinei-o a falar, fala perfeitamente.”*

Jornalistas 1: *É talvez por lhe ser familiar o universo retratado por Ventura que o presidente pôde responder à pergunta que uma vez lhe fizeram e que evocou, animado.*

Fernando Henrique: “E os índios? Os índios somos nós, nesse sentido amplo, que estamos aqui.”

Poetisa: *Ou se comemora*

Se se comemora

Duração do enlace

Une a fome ao bodo

Une o verso à face

Comentarista: Santarém... Belém... Pará... Sei não! “Unidade na diversidade.” Eis a questão. Neste março do ano de 2000, quando, significativa coincidência, se comemora o centenário de nascimento do autor de *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre, o discurso do Presidente do Brasil, no Parlamento de Portugal, repete (e já não surpreende, lembram-se do “esqueçam tudo o que eu escrevi?”) a tese da democracia racial brasileira em que, reza o sociólogo da velha casa de Apipucos, as relações antagônicas de classe são amolecidas pelo jeitinho tropical, herança portuguesa, que a todos nos irmana, já que somos “lusitanamente híbridos.” Mestiços, pois. Impressiona a consciência da falta de perspectivas exposta pelas reportagens. *Mensagens* tristes no caminho marítimo para o Brasil. Na varanda da Torre de Belém, ou no Parlamento, o que se vê é ainda uma espécie pessoal – “pessoana,” como sugiro – de olhar com que Portugal, voltado para o Oriente, fita o Ocidente, futuro do passado. É como se o presente não existisse, fixado num quadro de espantosa mesmidade, de costas sobretudo para o trágico processo da descolonização. A esse respeito, dois acontecimentos são exemplares. A comparação de Fernando Henrique com o Infante D. Henrique, da discutida Escola de Sagres, pelo presidente do Parlamento, e o ato falhado – prefiro assim, à portuguesa, pelo seu duplo sentido de falhanço – dos jornalistas que, na esteira da comparação feita, chamam três vezes o Presidente de Fernando Henriques – assim mesmo, com s –, fazendo eles agora uma involuntária associação entre o Henrique brasileiro e o Henriques português, o Afonso, primeiro rei, o fundador do Reino. Neste jogo em que terra e mar se misturam, deliberada e caricaturalmente, nada poderia ser mais eloqüente, não fosse a retórica memória do nosso ex-professor presidente em questões de identidade. “E os índios? Os índios somos nós...” “O Infante do Brasil do futuro” resume-se, nos consumando, numa alternância globalizada e liberal de nomes impróprios. O oportunismo da resposta encontra num livro recente (*Expressões dos Racismos em Portugal*) e nos versos de Fiana réplica à altura. No meio de piadas infames sobre índios e infantes, as quintilhas são outros

quinhentos. Tal rei tal justiça. Não pode causar, portanto, estranhamento o destino que o juiz brasileiro reservou para Rainha, o José Sem Terra. Ao fim e ao cabo, o contexto das comemorações, o seu “teatro,” é, da nau à casa de Cabral, um féretro de réplicas sobre um mar que já se queria tenebroso doutrora. No meio desse cenário, alinhados, os replicantes repetem o seu papel na trama: aprontam-se e, visto julgarem-se eternos, aprontam para a próxima lista dos convidados de “comemorações.”

Poetisa: *Se se comemora*

A pena da lei

Eu que a invoquei

Sacio o desejo

De escrever à pena

EPÍLOGO

[No escritório. Ainda diante do computador. O comentarista nada mais tem a acrescentar. *Não é verdade.* O texto com textos o perturba. *Como se fosse um travo, na verdade.* Não porque receie ter fracassado no ensaio de fazer duma “mixagem” o pastiche das comemorações. *Há uma declaração que não deve ser mais adiada.* O poema-chave deste texto (*queria que ele fosse a força deflagradora para novas leituras das comemorações dos 500 anos em curso*) foi expurgado pela autora na edição da poesia completa, em 1974. *Tenho, contudo, o direito de lê-lo... e o releio, sempre com agrado... tenho inclusive a edição original, de 1967, de Barcas Novas.* O livro é dividido em 5 núcleos temáticos. Entre eles, “A História,” onde se encontra o poema em discussão. *Não sei se tenho o direito de republicá-lo, comparando-o como faço aqui com outros textos mais recentes.* O expurgo foi há 26 anos. *Talvez seja o meu gesto um outro ato de regressão e esteja eu interferindo no curso da história dos livros de poesia de Fiama.* Dramatiza. Sabe que o que causa, por um lado, desconforto não deixa de dar prazer por outro lado. A validade do texto envenena a nossa boa consciência. *Um poema tão cheio de hipóteses.* “Comemorações” é na verdade um excelente motivo, um pretexto, *sim, um pretexto,* para julgar o porquê de se festejarem hoje datas e feitos históricos como volta a um passado sem presente nem história. Transformar a recepção de um texto antigo, excluído por quem o escreveu, talvez por razões estéticas, em testemunho eticamente comprometido com

o nosso tempo é o que reconhece como direito e transgressão. *É verdade, se...* Como dizem as últimas redondilhas de “Comemorações,” a penalidade máxima para quem atua com palavras são a dor e o gozo de saber-se vivo.]

CRÉDITOS

ARRUDA, Nysse. *Frota Ruma ao Brasil*. Público, 2000.

BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. *Barcas Novas*. Lisboa: Ulisseia, 1967. p. 37-9.

CARVALHO, Paula Torres de. *A Casa de Cabral*. Público, 2000.

COSTA, Maria Velho da. *Madame*. Lisboa: Dom Quixote, 1999. p. 9.

LOURENÇO, Eunice e RATO, Vanessa. *Lusitanamente Híbridos*. Público, 2000.

NARCISO, João Paulo. *E Pedro Álvares Cabral Foi a Santarém*. Público, 2000.

Rio de Janeiro, 23 de março de 2000